



16 de Julho

É uma data chave para toda a Obra da Rua. Aniversário da morte do Padre Américo. A Obra nasceu no seu coração. É dele e de todos os que com Ela comungam, mas ele é humanamente o Pai da Obra.

Na Obra, o Fundador morreu. Morreu todos os dias numa doação contínua e crescente com os olhos fixos na Meta, sem qualquer desvio.

As mortes quotidianas transportaram-no a uma gloriosa. Da morte passou à Vida. Numa lição bem estudada do seu Mestre — o Senhor Jesus — que morreu para Ressuscitar!

Perdeu a vida para A ganhar!

O 16 de Julho é o dia do triunfo! Com ele Padre Horácio, as Senhoras que imolaram a vida, em doação maternal, oculta aos olhos dos homens, mas clara à vista de Deus!

Na mesma rota nós caminhamos.

Que a propaganda vazia e enganadora do mundo nos não amedronte nem distraia.

Padre Acílio

ESTE fim de semana, foi tempo de grande ventania. Passada a borrasca, e fazendo o inventário das coisas estragadas, verificámos que, ao nível das árvores, as que mais sofreram, foram as mais frágeis. Algumas vamos ter que as plantar novamente no próximo ano. É também assim na sociedade. Quando vem a tempestade são sempre os pequenos a sofrer e, em nome da deusa economia, tudo é permitido, não numa lógica de partilha, mas numa lógica de poupança. Corta-se a direito e não se vê quem é esmagado.

Acalentei nos meus rapazes sonhos de terem uma casa sua, comprada com o suor do seu rosto e não dada

ENCONTROS EM LISBOA

Sonhos desfeitos

de mão beijada, como nos bairros sociais. Um grande grupo percebeu e sonhou... Foi uma grande ajuda os chamados juros bonificados para habitação. De um momento para o outro, os meus rapazes sentem os seus sonhos desfeitos porque aquilo que estava ao seu alcance deixou de estar. Bastou um decreto-lei e assim se mataram sonhos de dignidade, de integração social, de esperança de não voltar ao sítio de onde muitos vieram.

Como eles, senti o ferrete da injustiça... Apeteceu-me gritar e ir abanar quem não percebe nada do que é a promoção humana e a esperança dos Pobres. Que fazer?

Um dia destes um dos meus miúdos desabafou, a propósito de um outro problema: «Estamos mesmo num buraco». Fiquei a olhar porque parece que há pessoas que têm sempre a sina de ficar no buraco e não saírem dele a vida inteira. Quando vislumbram uma

saída, há-de aparecer sempre um calhau qualquer que lhes cai em cima da cabeça ou lhes barra o caminho.

Histórias de pobres... Quem tem na mão o poder de decidir não entende ou não quer entender porque adoradores de ídolos com nomes pomposos como orçamento, crise económica, e, agora, um muito recente, chamado «critérios de convergência».

Padre Manuel Cristóvão

SAIU-ME demasiado estatística a última crónica e, porventura, algo desalentada. As estatísticas são úteis mas desumanizam os problemas. Perante a constatação dos oitocentos e quinze milhões de homens que sofrem de fome, corremos o risco de subestimar a fome de cada um pois ela não se fracciona, é total e aniquilante em cada homem. O número assustador nem sei se mobiliza, se faz cair os braços de quantos têm de lutar contra a fome — e somos todos! Estatística gera estatística e elas poderão induzir o pensamento de uma boa conquista a redução do número a metade numa próxima dúzia de anos — como se os quatrocentos ou seiscientos (ou sabemos lá exactamente quantos...) milhões de pessoas, então ainda vítimas da fome, pudessem esperar! Nem se repara que este programa de recuperação equivale a centenas de milhões de mortes consentidas no

África

meio de enormes sofrimentos, na sequência de terríveis discriminações!

O desalento vem-me da filosofia deste e do comum dos programas de luta contra a pobreza, sempre fundados no dinheiro como fonte do dinamismo, como arma decisiva de estratégia — e não é; é o Homem.

Se se começam empreendimentos para a implantação da Justiça no mundo por fazer as contas do seu custo e, naturalmente, se apontam números astronómicos que eles não-de reclamar, nunca se chega a qualquer fim digno e útil. Quando muito queimam-se cartuchos no arranque, os quais servem interesses que não são os verdadeiros alvejados... e fica tudo



mais ou menos igual, se não pior o estado final.

Há quantos anos anunciou o Papa Paulo VI que o «Progresso dos Povos é o novo nome da Paz»?! E da Encíclica não constam orçamentos para a efectivação deste progresso mundializado. Toda ela é uma rajada de espírito

Continua na página 4



O preparador físico dá as suas instruções. Vê-se o campo de futebol e o balneário ao fundo!

SETÚBAL

No turbilhão da vida...

O Senhor passa como brisa suave. Sentei-me na cadeira, frente à secretária, a aguardar a Sua passagem...

As palavras d'O GAIATO são repassadas desta brisa. No calor da intimidade possível com Deus, a frescura que ela transporta, faz o revigoramento das energias vitais à nossa acção.

Hoje tivemos a chegada de um rapaz e a partida de um outro. Este, certamente iludido por promessas de apoio de um irmão ainda jovem, partiu para uma aventura que vislumbramos sem êxito.

O que chegou, traz na bagagem a carência de um pai. Afinal, a carência de todo o ser humano: o Pai.

Ele é o apoio, o estímulo, a segurança; Ele é o repouso e o lugar da paz.

Começa agora um novo tempo de férias. Milhares partem em viagem, na busca deste encontro. É quase sempre uma procura inconsciente e sem norte. Os dias passar-se-ão num ápice, em calma aparente, e no regresso as malas virão vazias; fatigados como ovelhas sem pastor, sem encontrar o caminho.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ÁGUA — Cinco das vinte casas do Património dos Pobres da paróquia são já abastecidas d'água ao domicílio.

É um benefício público que completa a nossa acção.

Os Pobres ficam radiantes e sabem quanto o bem público lhes dá, deste modo. Mais: que é preciso guardar o Património desta despesa.

PARTILHA — Quarenta euros da assinante 72561, de Leça do Balio.

Cheque do assinante 32517: «Duzentos e cinquenta euros para remédios dos vossos doentes».

Vinte e cinco euros pela mão duma leitora da Rua Fonte de Areia, Vila do Conde, especialmente para os doentes mais necessitados. E acrescenta: «Leio sempre o vosso Jornal. Por isso, guardem essa migalha para o que for mais preciso».

Assinante 31254, de Fiães, Feira, um cheque que leva três ofertas, setenta e cinco dos quais para a vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, destinado a «medicamentos para um doente reformado. Agradeço o anonimato».

Setenta e cinco euros da assinante 14493, do Porto.

Assinante 5857, também do Porto, que «tem estado desaparecida» mas sempre dedicada.

Ainda do Porto, uma senhora deixou uma oferta na mão do nosso Padre Acílio para a despesa dos nossos Pobres.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

LIMPEZAS — A nossa Aldeia está cada vez mais limpa. A casa-mãe, idem.

TÍLIA — Nós, cá em Casa, temos árvores de tília. É uma flor que dá para fazer chá. O nosso Padre Acílio organizou um grupo e fizeram a colheita; já colheram muito, mas todos nós vamos beber chá.

VACARIA — Nos últimos tempos tem andado limpa. Cada dia que passa as vacas dão mais leite.

FÉRIAS — Bom, chegámos a mais umas boas férias.

O ano lectivo chegou ao fim, muitos passaram, poucos reprovaram. O primeiro grupo seguiu esta semana para a praia. Espero que tenham umas boas férias.

PISCINA — Os rapazes andavam ansiosos que começasse a época banhar para darem um mergulhos nela. Agora, no final do dia, é uma alegria. E que bem sabem uns bons mergulhos!

Hugo Santos («Russo»)

DESPORTO — Acabou, como começou, a época desportiva de 2001/2002: com alegria e boa disposição, sobretudo, por se ter praticado desporto com o intuito de conviver, unir cada vez mais os rapazes, e criando, por outro lado, novos laços de amizade, através do desporto-rei.

Os Iniciados deslocaram-se a Trás-os-Montes, para defrontarem o Sport Clube de Vila Real. Uma tarde de muito calor, fez com que os rapazes fizessem uma primeira parte menos boa. Ainda antes do intervalo efectuaram-se algumas alterações, o que não impediu de irmos para o intervalo, com o resultado desfavorável. No entanto, depois de termos conversado no balneário e de efectuarmos mais algumas alterações, no final do encontro, tínhamos a vitória do nosso lado. É caso para dizer: contra a força... não há resistência. Por falar em força..., não podemos esquecer, o golo do «Doutor», que chutou fora da grande área e colocou a «redondinha» no funda das malhas. Quem voltou a estar bem, foi o Luís Ângelo, Fábio e o incansável Abílio.

À mesma hora, os Seniores defrontavam em nossa Casa o Futebol Clube de Pedras Rubras. Pelo que nos foi dito,

não podia ter corrido melhor. Embora o jogo fosse bastante aguerrido de parte a parte, não impediu que a vitória pertencesse aos da casa.

Foi uma época em que tudo correu sem grandes problemas. Houve colaboração entre todos os elementos do Grupo Desportivo. Começou pelo responsável, que, estando sempre presente, passou quase despercebido, não tentando fazer prevalecer a posição do *quero, posso e mando*. Não interferiu no trabalho dos treinadores, o que à partida, é bom sinal. Teve o cuidado de não deturpar o que tinha ficado estipulado no princípio da época, e nunca tomou qualquer posição, que não fosse de acordo com os seus colaboradores mais directos, que neste caso concreto são os treinadores. Estes, por seu lado, procuraram fazer o seu trabalho o melhor possível.

Temos vindo a dizer ao longo da época, que recebemos e fomos aqui ou acolá. Por isso mesmo, queremos dizer que os Seniores fizeram 36 jogos, com 29 vitórias; 4 derrotas e 3 empates. Sofreram 66 e marcaram 223 golos. Os três melhores marcadores foram: Américo, 53; Daniel, 46 e «Turbinas», 35 golos, respectivamente.

Os Iniciados realizaram 34 jogos, obtiveram 28 vitórias; 5 derrotas e 1 empate. Sofreram 82 e marcaram 183 golos. Os três melhores marcadores foram: Fábio, 40; «Azeitona», 33 (com menos 9 jogos); «Doutor» e Abílio, 19. Nestes números não incluímos o jogo e o resultado de 6 de Abril, pelo simples facto de este não ter o mesmo espírito de confraternização que os restantes. Nós continuamos a dizer que, nestas nossas andanças de «futebois», o resultado vem por acréscimo.



Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Não queremos terminar esta crónica, sem reconhecer a colaboração dos clubes que nos visitaram ou proporcionaram a nossa visita. Esperamos na próxima época, dar continuidade a este projecto, que foi iniciado há já alguns anos. Aliás, na reunião que deu como encerrada a época, toda a gente foi unânime em sublinhar o bom comportamento de todos, em geral, e mostraram o seu empenhamento para a próxima época.

Alberto («Resende»)

BENGUELA

ESCOLA — A pauta do primeiro trimestre dos alunos do primeiro, segundo e terceiro nveis, já safu. Alguns

ficaram tristes devido aos resultados alcançados, ao passo que, no meio desta tristeza, outros estavam alegres pois conseguiram boas notas. Os que tiveram maus resultados, estudem e esforcem-se mais; e os que tiveram boas notas, continuem nesse caminho.

MILHO — Fez-se a colheita do milho. Foi muito boa, pois as espigas são grossas.

TOMATE — Fez-se a plantação do tomate. Esperamos que cresça bem, pois o tomate é essencial para a nossa alimentação diária. Com ele podemos fazer a saborosa salada e o gostoso refogado.

FRIO — Chegou o tempo do frio, ou seja o tempo do cacimbo. Agora já não podemos ir à praia nadar porque este tempo é impróprio para se fazer estas coisas. Mas assim que este período terminar, poderemos divertir-nos muito na praia.

OBRAS — Já se traçou a planta, ou seja, já se definiu o lugar onde estará ou será construída a casa III. É uma obra que já estava há bastante tempo no projecto que, agora, poderá ser realizado.

DESPORTO — Começou o campeonato da zona «F». A nossa equipa tem-se saído bem e estamos no segundo lugar. Oxalá a gente faça mais esforço para ver se ficamos numa boa posição, ou, se possível, vencer este campeonato, pois é o sonho da nossa equipa, e é bom que se realize.

No Domingo passado derrotámos uma equipa por 2-1,

poderíamos ter ganho por mais, mas os nossos avanços desperdiçaram muitas oportunidades.

M. S. A.

Sou seu soldado!

Mesmo que eu esteja apaixonado por Ela
Estou rodeado
Dos mesmos perigos...
Sou seu soldado
Lutando contra riscos...

Joana d'Arc observa
A linha do horizonte
Onde se encontra
O desconhecido sem nome
Preparado para a guerra.
No seu cavalo Ela monta
E vê a minha ascensão
E queda...
Mas conserta
O meu humano coração!

Ao cair da noite
Vou até à tenda d'Ela!
Atira-me um sorriso
Daqueles que sabem
a beijos!
Fundem-se os nossos
desejos
Por uma vida mais modesta!

Manuel Amândio



O calor do Verão na Casa do Gaiato de Paço de Sousa

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição,
no mês de Junho,
62.900 exemplares.

Setúbal

Continuação da página 1

Jesus é o caminho para o Pai. «Pedi ao Senhor que envie operários para a Sua messe», deixou-nos como alerta. Cada um só por si não poderá encontrar o caminho.

Grande parte da vida humana é gasta a alimentar ilusões, em desvios ao verdadeiro sentido da vida, na relação com Deus, com o próximo e consigo mesmo. O tempo de

férias poderia ser uma ocasião propícia a uma aproximação a estes vectores fundamentais da vida. Habitados ao turbilhão, dificilmente saímos dele.

Neste tempo de estio, facilmente sabemos onde saciar a sede do corpo. Encontrar a fonte que sacia a sede do espírito, latente em todo o ser humano, é a descoberta penosa de alcançar. É um caminhar cego quando a luz não brilha.

A sabedoria diz-nos que o Senhor está perto de quantos O invocam. Ele mesmo diz que quem procura encontra. A vida do homem está em tensão para este encontro. Deixemos que o Filho nos leve ao Pai.

Padre Júlio

DOCTRINA



Quem não ama não tem Vida

NCESSITAMOS de muitos leitores de *O Gaiato*. Queremo-lo marejado de lágrimas à maneira que vais lendo, sinal certo de que ouve compreensão. Nem há olhos que melhor vejam as coisas, do que os marejados!

«**M**EU Padre: Deus deu-me a ventura de possuir meia dúzia de galinhas e de sobejarem alguns ovos do consumo de minha casa. Resolvi que este excedente fosse inteiramente para os seus... e vá lá, permita-me, nossos filhos da rua e hoje promessas tão queridas a Deus de bons cristãos. Mas como estou muito longe da sua Aldeia e eles aí dificilmente chegariam inteiros, tenho-os vendido e o papel moeda que junto são a sua transformação integral. Continuarei a dar-lhe contas dos meus, ou por outra, seus ovos. E pedindo a Deus lhe prolongue a vida para nos continuar a envergonhar da nossa mesquinhez e egoísmo e a salvar mais almitas da rua, lhe digo adeus por hoje pedindo-lhe (já viu, meu Padre, alguém que desse sem nada pedir em troca?!) a graça da sua bênção para os meus queridos filhos.»

MAIS, de um armazém de Vila Nova de Ourém, vinte *pulovers*, «podendo V. contar com a nossa firma para tudo quanto seja possível». Se lhe é possível amar, meu senhor, tudo o mais é consequência do amor. Quem não ama não tem Vida. Quantas vezes não vê a gente nas ofertas mais insignificantes, grandes faúlhas de amor!

MAIS um quarto de hora escondido dentro da cabina da praia de Espinho a falar para a rua. Dizem que as «estrelas» de Hollywood vendem as suas horas por somas fabulosas. Eu não sou estrela nem vendo horas; dou a vida. Em paga, passa uma grande bicha de mulheres, de homens e de crianças com suas ofertas. A primeira foi a de um farrapãozinho dos de Espinho, da massa dos meus, o qual me entregou dois tostões. Durante vinte minutos vi semblantes comovidos à porta da cabina, como se fossem peregrinos dos lugares santos: «Tome Padre!»

MAIS uma viagem à Praia da Granja, em hora muito feliz. Todos os anos ali tenho a palavra que se prende no coração dos ouvintes. Trouxe alguns assinantes e quatro contos e trezentos escudos. Mais um pequenino grupo de visitantes: 20\$00 e 20\$00 e 10\$00 e 5\$00 e 5\$00. Todos quiseram dar uma pedra para as obras. As pirâmides do Egipto são feitas de blocos e os rios de gotas! Mais esta carta onde falam uns dezanove anos prometedores:

«**E**SSA Obra é digna de ser auxiliada sem mostarmos um só momento de cansaço. É em socorro destas almitas contaminadas pelo mal, que um dia mais tarde poderiam ser homens perigosos. Tenho dezanove anos e vejo o quanto é necessário auxiliar. Se todos auxiliassem, poderia V. libertar do mau caminho essas crianças, que muitas vezes possuem bons corações. Envio a quantia de quarenta escudos e um abraço para o «Periquito» e Deus queira que ele seja um bom rapaz no futuro.»

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)



O nosso Padre Telmo entre os seus filhos — em Malanje.

Cartas

Agradecimento

«Mais uma vez quero agradecer o bem que me tem feito o vosso Jornal, que me tem ajudado a crescer na humildade, no sentido da partilha dos bens que temos.

Tem-me ajudado também a olhar para o lado e ver que há sempre quem tenha menos do que eu e precise da minha ajuda. Não consigo encontrar palavras para dizer quanto admiro a Obra da Rua, o vosso trabalho...

(...) Peço um grande favor à vossa comunidade: se for possível, nas vossas orações, rezem por mim e por minha família para que Deus me continue a dar força para a minha caminhada que não tem sido fácil, e só com a ajuda de Deus tenho conseguido.

Assinante 65616»

Mesma trincheira

«Um postal, duas palavrinhas: Sempre ansioso pela chegada d'O GAIATO deixei-me atrasar na renovação da assinatura. As minhas desculpas. Tenho particular atenção às notícias de Benguela. Talvez por me sentir na mesma trincheira de Paz. Trincheira que, agora, esperemos se transforme em rio de vida. E que se levante do chão a ponte do rio Cavaco! A minha pequena contribuição.

Assinante 72475»

Evangelho vivo

«Eu quis responder na volta do correio, tal foi a felicidade que senti

quando o carteiro me trouxe o Livro que se dignaram enviar-me. Como temos de estar aonde somos precisos, não tenho parado para acudir a duas doentes minhas irmãs que tanto quero e amo. Temos os livros quase todos de Pai Américo e estou a lê-los como se fosse a primeira vez e vou emprestando para que outros os saboreiem como eu e meditem. Digo sempre que é o Evangelho ao vivo. O que sobrar é para os vossos Pobres. Deus sabe que se eu pudesse mandava muitíssimo mais.

Assinante 3146»

Adiamento

«É com agrado e admiração que recebo O GAIATO. Foi, e é através dele que fiquei a conhecer melhor a Obra da Rua. Uma Obra já 'velhinha no tempo', mas sempre actual e presente. Mas, ultimamente, interrogo-me se é justo continuar a receber esta grandiosa Obra e não fazer nada para a merecer. O meu pedido de desculpas por ter adiado, todo este tempo, o envio desta pequeníssima ajuda para o pagamento da assinatura e para o mais necessitado. Sabem... é o deixar para a amanhã, o que se devia ter feito... ontem.

Assinante 68914»

Construir ou plantar

«Cada pessoa, durante a sua existência, pode ter duas atitudes: Construir ou Plantar.

Os construtores podem demorar anos nas suas tarefas, mas um dia terminam aquilo que andaram a fazer.

Então param, e ficam limitados pelas suas próprias paredes. A vida perde o sentido quando a construção acaba. Mas existem os que plantam. Estes, às vezes, sofrem com as tempestades, as estações, e raramente descansam. Mas ao contrário de um edifício, o jardim nunca pára de crescer. E ao mesmo tempo que exige a atenção do jardineiro, também permite que, para ele, a vida seja uma grande aventura.

Bem hajam, pelo bem que praticam. Considero a 'Obra do Padre Américo', a vossa grande Obra, um imenso jardim com grandes 'jardineiros' que procuram que cada vida seja mais uma fonte e bem enraizada planta / árvore neste nosso pequeno mundo.

Assinante 72575»

Através da vida

Há certas paisagens
De que me hei-de lembrar sempre
Pois enriquecem a minha imaginação!

Há certas artes
De que me hei-de lembrar sempre
Pois são filhas da minha criatividade!

Há certas pessoas
De que me hei-de lembrar sempre
Pois fazem parte do meu passado!

Há certas animais
De que me hei-de lembrar sempre
Pois dão-me lições de amor!

E mesmo que agora morram
E o mundo lhes diga adeus
Para mim hão-de continuar vivos
E a ser meus amigos
Através da vida!

Manuel Amândio

Praticando o Bem

Proximidade

NESTE sábado de manhã, a vida começou logo a puxar por mim, um tanto agitada.

A oração da manhã refresca a alma com a paz e a tranquilidade nascente da luz que Deus faz resplandecer na nossa cabeça como no coração.

Em vidas desinquietas é indispensável alimentar fortemente a paz interior. Aquela que só Deus dá!... Mais ninguém, nem mais nada. Só Ele!...

Pela palavra de Paulo aos Tessalonicenses: «Quanto a vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem».

O Senhor é o refúgio do Pobre na tribulação.

À minha espera estava uma senhora idosa que se apresentou logo dizendo a idade, a terra e ao que vinha.

— Como chegou aqui tão cedo? — indaguei admirado, ao observar a sua postura trémula e frágil.

— Saí cedo, meu senhor, no autocarro. Até me perdi.

Tinha um aspecto algo desleixado e uma aparência mesmo pobre.

Uma criança a pedir nas ruas, ou sem amparo em qualquer parte, corta-nos, por isso mesmo, o coração. Perturba-nos a alma, fere-nos a sensibilidade, mas um idoso, meu Deus! Atrapalha-nos totalmente.

Que vivia com uma filha doente, não tinha nada para comer, nenhum rendimento, nem qualquer auxílio. — Se eu lhe dava para a renda da casa «trinta contos».

A senhora termia em cima de pernas arqueadas nos joelhos, enquanto as pala-

bras, transmitindo queixas, safam deixando os cantos da boca com bolhas de saliva colada. Os dentes eram raros, amarelos e podres. O hálito insuportável.

Dei-lhe a mão, aparando-a por baixo do braço e trouxe-a para dentro, sentando-a num banco ao abrigo da brisa desagradável daquela manhã.

Eu tinha tanto que fazer!... O princípio do dia numa Casa do Gaiato exige mil e uma atenção. Mas aquela anciã tinha-me preso. Estava ali sentada junto dela a ouvi-la e a saborear a presença de Deus.

Os cheiros do sofrimento nunca me causaram repelência! São momentos de plenitude humana e sobrenatural!

Quanto mais ela se queixava, mais eu me confundia. De repente, fez-se-me luz. Vou lá. Vou a casa dela.

— Fique aqui um pouco sossegadinha, que eu vou buscar mercearia, outros alimentos e levo-a comigo a sua casa!

— Está bem! Está, sim senhor.

Enchi duas caixas grandes, meti-as na mala do carro e venho por aí abaixo até ao ático onde tinha deixado a Pobre, decidido a ir avaliar a veracidade dos seus lamentos.

A entrada estava vazia!

— Então a senhora que estava aqui? — perguntei a um dos nossos rapazes.

— Foi-se embora. Disse que tinha o filho lá fora, à espera com o carro e desapareceu!

Parecia-me impossível que ela descesse tão rapidamente a avenida da nossa Aldeia e se sumisse tão depressa!

Fiquei vazio e mal disposto! Como é que uma pessoa daquela idade se atreve a representar tão bem!?

Estou farto de saber que não devemos dar



Limpeza frente ao edifício da casa-mãe da nossa Aldeia.

esmola na rua. Pedir, hoje, é uma arte! E há artistas tão hábeis que nos ferram facilmente a fábula pela realidade.

Dar esmola em casa, a pessoas que não conhecemos, pode ser outra esbarradela!

Mas, como fazer se não temos tempo? Se os nossos minutos são todos contados?

— Pregar, berrar aos quatro ventos, que é necessário gente para servir os Pobres, que não basta ter meios, é urgente ter pessoas disponíveis para amar, ir ver, ajuizar, e agir em conformidade.

Um discípulo de Cristo não pode ser um burocrata. Não podemos «despachar». A gente tem de saber o que faz. E o que fazemos tem que ser por amor, e, por isso, bem feito. Não basta a intenção recta é preciso que a doação seja frutuosa e não prejudique.

Os mestres da sabedoria social (não digo nem ciência nem técnica) sempre assim procederam.

Veio, há dias, para cá um rapazinho que só sabia o seu nome próprio. Nem do pai nem da mãe. Era um caso difícil.

Vieram trazê-lo dois técnicos. Doutores. Num carro da autarquia com motorista próprio. No seu tempo. Ganhando o seu dinheiro ao serviço do Estado. A gente curva-se perante tanta doutorice. Não temos outro remédio. Eles é que são!... Os técnicos!

O menino vinha a cheirar mal. Então nenhum deles foi capaz de o levar a sua casa? Lavar aquele corpinho na sua casa de banho e perfumá-lo com sabonete?!

— Não. Não faz parte da sua técnica nem do seu trabalho. Não senhor! — Isso não é serviço oficial.

Comprar-lhe uma roupinha até para que todos se sentissem bem no automóvel.

Como apareceu, assim o trouxeram. Quanta falta faz aos homens o Evangelho!?

Padre Acílio

África

Continuação da página 1

sobre os mais evoluídos e poderosos para que se convertam e afrouxem o seu próprio progresso, sem o que não será possível acelerar o dos mais atrasados e fracos. Depois dela, infelizmente, outros documentos pontíficos não puderam senão confirmar que em nada melhorou o almejado equilíbrio entre as Nações, às vezes dentro de um mesmo Estado; tampouco cresceu a Paz como dado adquirido e global. Isto mesmo tantas vozes o têm anunciado e, muito recentemente, como citei há quinze dias, aquele grupo reunido onde se encontravam os ministros do G-8, para protestar que «outra globalização é possível (...) com políticas mais justas (...) que não acentuem as desigualdades» — afinal o que tem acontecido.

Não são aqueles biliões de dólares de investimento anual propostos pela FAO a *pedra angular* do «Progama Mundial de Luta contra a Fome». Caminho mais credível para o sucesso, embora lento e não espectacular, será o dos próprios Povos assumirem a partir dos seus recursos, a sua libertação da *pobreza absoluta*. Claro que tal só é possível com paz interna feita do respeito mútuo entre etnias; com a redistribuição das populações deslocadas pelas suas áreas naturais; com governantes que alinhem com o seu Povo, não com os G-8 que, a nível pessoal, têm a tentação de igualar, o que os cega e esterilizar como obreiros que lhes pertence ser do Bem-Comum. É aqui, no interior de cada Nação, que a Justiça tem de ser semeada. Virão as secas...?

HOJE é Domingo. Saí, há pouco tempo, da reunião de chefes, como é habitual todas as semanas. Não seríamos capazes de levar a nossa Casa para a frente sem eles. A palavra de introdução foi inspirada na palavra daquele tempo, já longínquo, em que se preparava a fundação da Obra da Rua em Angola. Poisei os meus olhos nela, momentos antes do início da reunião. Dentro dalguns meses completam-se 39 anos que chegámos. É verdade: «Não somos nem temos super-homens. Acreditamos e sabemos que Deus faz as suas obras com homens defeituosos. Basta que estes olhem para os talentos que receberam e se dediquem à tarefa de trabalhar com eles, sem perderem o tempo...»

Os chefes em nossas Casas, saídos do meio dos outros rapazes, sem deixarem de estar com eles, são o pequenino grupo que actua ao jeito do fermento no meio da massa. Têm defeitos

Virão enxurradas...? Terras tamenhas, população pouco densa... — sempre haverá lugar onde a semente germine e a planta cresça e frutifique!

São precisas cabeças e consciências limpas que sirvam estes povos: Que os eduquem na compreensão dos seus ritmos próprios, que não-de procurar acelerar, pacientemente, para evitar ruturas ou consequências inversas das que se desejam.

Não é caminho fácil. Mas, se não for este...? O Norte do mundo tem cabeças, mas faltam-lhe as outras condições. Só com dólares, que trazem consigo o vírus de mais dólares, nunca a Fome acabará.

A propósito do aniversário da Independência e também da Cimeira

BENGUELA

Somos semeadores

e têm talentos. Importa que ponham a render os seus talentos e que os defeitos os ajudem a ser humildes. A Parábola dos talentos é luz. Cada um recebe consoante as suas capacidades. E cada um deve pôr a render consoante as suas possibilidades. Nem se pede demais nem de menos. A riqueza grande duma família está em que cada membro dê o que pode. Assim queremos ser em nossa Casa do Gaiato. Quem nos dera merecer sempre o grupo de chefes que nos ajude a «fazer de cada rapaz um homem!» É um trabalho constante e paciente. Somos semeadores. Todo o educador é um semeador. Lança a semente à terra. É a

função do semeador. Faz tudo o que sabe e pode para que a semente germine e dê boa planta. Eis o seu trabalho. Pode resultar e pode não resultar. Mas nunca é em vão, quando o faz por amor. Assim os pais. Quantas vezes o desânimo pode bater à porta. Não-de semear e semear sempre.

Os rapazes, ao assumir as responsabilidades que lhes são confiadas, estão a preparar-se para o futuro. Os chefes ocupam o posto privilegiado no serviço da educação dos seus companheiros e irmãos. Esta é a razão pela qual o grupo de chefes ocupa o lugar primeiro das nossas preocupações na formação dos rapazes. Não podemos viver sem eles. Chegamos a todos os outros com eles.

Já que estou a falar dos rapazes e dos chefes, dou-vos uma grande alegria: entrou para a Universidade um dos filhos que chegou depois de recomeçarmos a nossa actividade. Abriu, em Benguela, um novo centro universitário. Era a hora de batermos à porta. Não esperávamos tanto carinho! Como sempre tem acontecido, as estruturas de ensino acumulam a Casa do Gaiato de atenções. São portas que se abrem para o futuro dos nossos rapazes. Sofremos muito quando eles não correspondem. Mas não desanimamos. Boa parte das nossas energias materiais e morais são investidas no sector do ensino. Temos consciência de que o futuro de Angola passa pela escola. Queremos ajudar Angola a caminhar, dando-lhe o que de melhor ela precisa: homens preparados que não sejam pesos mortos.

Padre Carlos

Padre Manuel António

PENSAMENTO

A caridade mais o sol, onde quer que penetrem, fazem brotar flores

PAI AMÉRICO